



VII Simpósio Nacional de História Cultural
**HISTÓRIA CULTURAL: ESCRITAS, CIRCULAÇÃO,
LEITURAS E RECEPÇÕES**

Universidade de São Paulo - USP

São Paulo - SP

10 e 14 de Novembro de 2014

**“O MILITARISMO NÃO PODE CONTINUAR NESSE PAÍS” – A
ABERTURA POLÍTICA E SUAS REPRESENTAÇÕES NOS FANZINES
PUNKS (1983-1986)**

Gustavo dos Santos Prado*

O rock nacional dos anos de 1980, que tivera ampla repercussão midiática, ocupa um espaço considerável na esfera acadêmica. Em sua estruturação, nota-se a influência das variantes do rock (progressivo, hard-core, heavy-metal, new wave), bem como de outros estilos como o ska e reggae. No entanto, é inegável que o estilo naquela década sofreu ampla influência da cultura do punk rock.

A banda Sex Pistols, na Inglaterra, e os Ramones, nos EUA, em meados dos anos de 1970, ofereceram novas possibilidades sonoras. Contribuíram para criar uma música curta e compacta, de sonoridade rápida e vocais estridentes – marcas do punk. Com eles, popularizou – se a prática de formação das “bandas de garagem”, engendradas à partir da máxima “do it yourself” (faça você mesmo).

Tal estrutura poética e melódica nasceu à partir de uma postura crítica, diante do caos econômico gerado pelo choque mundial do Petróleo de 1973, que impôs uma severa crise à economia mundial. A dura condição de vida do trabalhador encontrou na cultura punk um espaço para alteração.

* Graduado em História pela Universidade Estadual Paulista (Unesp/ Assis), Especialista em Ensino de Geografia (UEL), Mestre e Doutorando em História Social, pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Bolsista Capes.

À crise, no Brasil, desestruturou um dos pilares da “Ditadura Civil – Militar” (CHAUÍ, 1980) – o “milagre econômico”. O punk, nessa conjuntura, revelou-se importante, pois, foi o elemento socializador de várias jovens, espalhados pelo país, se infiltrando em várias camadas sociais. Não por acaso, rapidamente, o estilo chamou a atenção de várias gravadoras, que encontraram no punk uma via estratégica de se manter ativa no mercado de bens culturais. (ALEXANDRE, 2002). Esse emaranhado de condições contribuíram para o rock polarizar significativas atenções nos anos de 1980.

Excluídos do grande mercado, porém, inspirados no punk, em São Paulo, começou a surgir o circuito de fanzines em 1982. (COSTA, 2000, p. 92). Tal tipo de impresso surgiu nos EUA, em 1930, com as publicações de ficção científica, sendo um neologismo advindo da contração dos termos ingleses “fanatic” e “magazine”, que viriam a significar “magazine de fã” (MAGALHÃES, 1993, P. 8-10). Alternativo e amador contribuiu para difundir as bandas punks, sendo que a maioria ficou fora da grande mídia. Formaram assim uma rede complexa de circulação, distribuição e formas de expressão.

Diante desse quadro, o fanzine pode ser abordado a partir do conceito de “mídia radical”, sintetizado por Downing (2002). Valendo-se de pensadores como Habermas, Gramsci, Adorno e Martín-Barbero, o teórico afirma que as mídias radicais são formas de expressão das culturas populares de oposição, sendo, portanto, contra hegemônicas. Apropriando-se desse conceito, nota-se que o fanzine pode ser abordado por esse prisma teórico, na medida em que os impressos se colocavam contrários a grande mídia e seus conglomerados fonográficos e televisivos.

Os temas dos fanzines são extremamente variados. De forma sintética, há neles matérias sobre bandas, meio ambiente, violência, neoliberalismo, religião, nazismo e, logicamente, política. Levando-se em consideração que os impressos punks são editados em períodos de abertura política, visa-se trazer à luz, as formas que a Ditadura Civil – Militar e seus beligerantes foram ali representados (CHARTIER, 1990). Com esse recorte temático, acreditamos que contribuiremos para as discussões da temática central do Encontro, bem como incitamos novas problematizações.

A ABERTURA POLÍTICA E SUAS REPRESENTAÇÕES NOS FANZINES PUNKS (1983-1986)

Os fanzines são resultados da “estética da colagem” – desenvolvida por Braque e Picasso, em torno de 1911, na primeira fase do cubismo, que concedeu um novo sistema figurativo eminentemente crítico (MARTINS, 2007, p. 50-61). Analisa e reflete o processo e os meios da arte (linha, forma, cor), tratando-se de uma reflexão sobre o modo de produção, da qual a técnica faz parte.

Além do cubismo, como pode ser notado, sua estética dialoga com várias correntes artísticas da primeira metade do século XX: fauvismo, expressionismo e dadaísmo. O “recorta e cola” junto ao acabamento dado à partir da fotocopiadora, resultou numa arte mediada pela técnica, como sinaliza Walter Benjamim (2012).



Capa do fanzine **Horizonte Negro**, Rio de Janeiro, 1983. Centro de Documentação e Informação Científica. CEDIC – PUC- São Paulo.

Problematizando a imagem a partir da dupla distância (a distância como choque), o que gera uma imagem crítica ou dialética (DIDI – HUBERMAM, 2010 – p. 159-182), nota-se que os problemas crônicos, vividos na sociedade brasileira daquele momento, estariam atrelados as contribuições advindas do Golpe Militar. As menções a polícia, que volta e meia, entrou em atrito com os punks, as indicações de corrupção e a agenda

monetária nacional atrelada ao Fundo Monetário Internacional - levariam o sujeito representado a um estado de fome e miséria crônicas, além da ausência de perspectiva.

Com esse fanzine, pode-se observar os efeitos sociais nefastos de um país que chegara aos anos de 1980 com sua econômica em colapso. Afinal, cumpriu a risca as imposições da política monetária internacional, diminuindo os salários e restringindo os créditos. Vale também frisar que o capital americano, no Brasil, também ficou cada vez mais escasso, na medida em que o mundo soviético entrava em declínio agudo. Todo esse efeito foi sentido nas periferias de grandes centros urbanos, onde circulavam esses jovens punks, desprovidos de educação, “cultura” e renda e que procuraram via fanzines formas de criar laços identitários – resultado da interação entre o “*self* e a sociedade” (HALL, 1998, p. 10).

Longe de ser consensual interessante como esse fanzine, praticamente, não concede destaque a grupos punks em sua capa (eles podem ser vistos lendo o impresso). O seu direcionamento é, antes de tudo temático, voltado para sintetizar a situação de descaso vivida no subúrbio. Essa retificação é fundamental, haja vista que foi convencional dizer que esses sujeitos só estariam interessados em “mero modismo”. (interpretações típicas da grande mídia da época). Percebe-se que a lógica desse texto não só contradiz, como sublinha a importância da participação dos fanzines para o período em questão:

A vida não nos deu um caminho. Em lugar de roubar, matar, somos assim. Os mesmos motivos que nos levaram a ser punk levam outros à marginalidade, ao crime. Os pais de família estão esfomeados e desesperados na periferia e no centro urbano. É o que temos nos esperando em casa. (Trecho extraído do fanzine **Espunk**, Salvador, 1984. Centro de Documentação e Informação Científica. CEDIC – São Paulo).

Percebe-se que no limiar da pobreza, a postura punk foi ensejada como forma de reconhecimento e identificação social. Tal conduta surgiu como uma alternativa diante de uma realidade complexa, na qual a ausência do Estado e a recessão econômica atingiram grande expressão. Agravando esses fatores, agrega-se a liberdade de expressão cerceada, o que fez da cultura punk importante conduta para os jovens que dela participaram. O desamparo social é uma temática comum quando se depara com a realidade dos fanzines:



Extraído o Fanzine **Espunk**, Salvador, 1984. Centro de Documentação e Informação Científica. CEDIC – PUC- São Paulo.

Estado, Igreja, Família, Escola, Exército, Patrão, Amigos não são passíveis de reconhecimento. Há em todo o poema, um nítido discurso contrário à idealização – sendo que a solidão atingiria várias feições da existencialidade. Tais menções, mesmo que algumas sejam contrárias à proposta punk (de estabelecer vínculos e identidades) – foram marcas em final de século, pois como sinalizou Berman (1986): “*Tudo que é sólido desmancha no ar*”. Em regimes militares, tal como foi visto no Brasil, as instituições e grupos indicados pelo poema, também foram afetados. Nesse contexto, a união entre os grupos punks, pelo menos em uma parcela dos fanzines, foi reforçada constantemente:

Não devemos temer
Os que detêm o poder
Se eles são um
Nos somos um milhão
Os explorados precisam se unir
Para o sistema destruir.¹

¹ Garotos Podres. Não devemos temer. Letra extraída do fanzine **Buracajú**, Aracajú – SE, 1986. Centro de Documentação e Informação Científica. CEDIC – PUC-São Paulo.

O excerto da música dos Garotos Podres traz à luz a defesa de um ideal unitário entre punks (que por sinal, foi difícil de ser alcançado). As brigas entre os diversos grupos eram comuns, o que contribuiu para corroer o movimento. Os inúmeros pedidos de “paz”, contido nos fanzines, mostram-nos um cenário corroído por disputas ideológicas e culturais. Contudo, a postura antigoverno militar era consensual – sendo que a partir dela, os fanzines denotam aversão à figura de João Batista de Oliveira Figueiredo:



Extraído do Zine **Anti – Sistema**, São Paulo, 1984. Centro de Documentação e Informação Científica. CEDIC – PUC- São Paulo.

O último presidente militar aparece, nessa charge, desprovido de inteligência. Em simples jogo de raciocínio lógico, não conseguiu encaixar as peças triangular, circular e quadrangular em seus respectivos espaços. Além disso, a charge deixa nítido o esforço do presidente em introduzir a peça quadrada no local correspondente ao círculo. A feição eivada de raiva e o suor saindo do rosto procuram ratificar que o político – militar ali estava há algum tempo.

Para além da simples sátira, historicamente, a charge não deixa dúvidas no que se refere à decadência da imagem dos militares, tanto nos fanzines, bem como em outros impressos (afinal, vigorou-se aqui a estética da colagem). Tal processo foi concretizado nos materiais impressos no final da década de 1970, período no qual houve um abrandamento do regime. Como sinaliza Aquino (1999, p. 226-221) o fim a censura

prévia a impressos começa a ser consumada em 1975 no Estado de São Paulo, Folha da Tarde, Veja, Pasquim, etc, o que contribuiu para motivar o apoio da sociedade civil.

Em outra via, o destaque dado à charge pelo fanzine, também traz em seu esteio o anseio do editor do impresso pela abertura política, haja vista que não se sentiu abraçado pelo poder instituído. Seria então o momento de mudanças, levando – se em consideração a precariedade de vida dos subúrbios e a ausência do Estado configurado nos moldes até então vistos.

Apesar da ampla repercussão do movimento das “Diretas Já”, em 1984, que era favorável a Emenda Dante de Oliveira, que restabeleceria as eleições diretas para presidente da República, os fanzines mantiveram uma posição dúbia: mesclavam esperança com descrença no que se refere ao fato:



Extraído do Fanzines “**Horizonte Negro**”, Rio de Janeiro, 1985. Centro de Documentação e Informação Científica. CEDIC- PUC – São Paulo.

O povo está consciente da luta que temos travado através dos tempos. Das dificuldades em geral, etc. E foi lançada a “esperança” através das eleições diretas. O povo foi lá, colocou os cartazes. Teve o apoio da imprensa em geral, mais tudo foi quase que inútil. Eu acho que os ladrões continuaram com diretas ou indiretas. Mais o povo deve votar para presidente. Deve eleger seus candidatos. O MILITARISMO não pode continuar nesse país. (ibidem).

O Sol emerge do horizonte em referência as “Diretas Já”, deixando o Presidente Figueiredo ofuscado. Este já não conseguiu manter um regime que estava em crise

política, econômica e social. Caberia lançar mão do poder, não enquanto concretizasse sua saída “lenta, gradual e segura”. Além disso, soma-se a aflição que pairava na sociedade brasileira, levando em consideração que a “Emenda Dante de Oliveira” foi negada.

O movimento das “Diretas Já” representou um marco político para os fanzines. No entanto, mesmo reconhecendo a importância daquele, a negação à Emenda fizera com o que o fanzine tivesse uma posição de descrença: afinal, o povo foi às ruas, colocou os cartazes e possuiu inclusive o apoio da imprensa – mas, o objetivo final, ou seja, o voto direto para o executivo federal não havia sido alcançado.

Mesmo não sabendo dos rumos que o país teria, duas circunstâncias eram basilares para o fanzine: primeira (a que o povo deveria votar), e segunda (o militarismo não poderia continuar no país). Contudo, como pode ser notado, no escrito, a atmosfera de descrença no novo regime político que se iniciou era generalizada.

Soma-se a esses fatores, ainda, a forma como foi engendrado o movimento das Diretas, como bem sinalizou Napolitano (2006). Em sua opinião, cuja a qual o texto endossa, o movimento das “Diretas Já” foi resultado de um acordo democrático palaciano, que não levou em consideração as aflições de inúmeros sujeitos e de novos movimentos sociais emergentes. Logo, uma elite política, composta por membros de várias facetas ideológicas, buscavam representar uma síntese de várias lutas travadas pela população – sendo que essa pouco participou da estruturação da Nova República (levando-se em consideração que o primeiro presidente foi eleito indiretamente).

Como consequência direta, o circuito de fanzines, que se ampliou pós – abertura, não denotou apreço com o novo regime político. Figuras como Sarney e de “novos” políticos que emergem no cenário da segunda metade da década de 1980, foram amplamente criticados pelos impressos. Logicamente, a esses fatores somam-se o fracasso dos planos econômicos do primeiro presidente da Nova República (Cruzado I, Cruzado II, Bresser e Verão) e a manutenção de uma estrutura de Estado que pouco provia benefícios para a população.

APONTAMENTOS CONCLUSIVOS

A problematização dos fanzines punks permite inferir o nítido desejo pela abertura política. Em todas as fontes aqui analisadas, percebe-se a aversão que os impressos tiveram do Governo Militar.

Os fanzines permitem problematizar, de forma profícua, as formas que os punks que estiveram de fora da grande mídia se manifestaram. Indo mais além, o fanzine permite trazer outras visões sobre a transição política, elucidando as interpretações que alguns jovens da periferia tiveram daquele momento. Não ao acaso, criaram um circuito de troca de informações e redes de colaboração, que como pode ser observado, não ficaram restritas na temática musical – com a divulgação de bandas, matérias e músicas.

O padrão estético dos fanzines denota protesto. Sua agressividade não foi casual, de modo que qualquer tema que aparecesse ali, sem ressalva, assumiria o caráter reivindicatório (vide à capa do Fanzine “Horizonte Negro”) e contra hegemônico (como prevê o conceito de mídia radical). No caso desse estudo, notou-se um desejo pela abertura, regido por críticas ao presidente Figueiredo, bem como ao Governo Militar, que ao longo do tempo, deixaram a maioria da população da periferia em condições de extrema pauperização – refletidas nos impressos punks e nos excertos analisados nesse trabalho.

A declaração do jovem indicando seus motivos de adesão ao movimento punk, o poema (sinalizando solidão e descrença), o excerto da música dos “Garotos Podres” (exigindo união), as representações de Figueiredo (como um Presidente que não teria condições de governar a nação) e as opiniões díspares com relação as “Diretas Já” (expressas na charge) mostram-nos uma parcela das visões que os fanzines punks possuíam desse momento de transição – carregadas pelo ávido desejo pelo fim da Ditadura, porém, no esteio das incertezas provenientes da Nova República.

Em tempo, afirma-se que os fanzines punks, não viram a nova etapa republicana positivamente. As posições contrárias à Sarney, a partir de 1985, passaram a ser constante nos impressos, haja vista a manutenção da pobreza em áreas periféricas de grandes centros urbanos. No entanto, esse ciclo configura-se curto, na medida em que a cultura dos fanzines punks entrou em relativo declínio, a partir de 1987.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALEXANDRE, Ricardo. **Dias de Luta: O Rock e o Brasil dos anos 80**. São Paulo: DBA Artes Gráficas, 2002.
- AQUINO, Maria Aparecida de. **Censura, Imprensa e Estado Autoritário (1878-1978): o exercício cotidiano de dominação e da resistência: O Estado de São Paulo e Movimento**. Bauru: EDUSC, 1999.
- BENJAMIM, Walter. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. In: **Magia e Técnica, Arte e Política**. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Editora Brasiliense, 1996, p. 165-196.
- BERMAN, Marshall. **Tudo o que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade**. Tradução de Carlos Felipe Moisés. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.
- CHAUÍ, Marilena. **A não violência do brasileiro, um mito interessantíssimo**. Exposição no simpósio Educação e Sociedade Violenta durante a 1. Conferência Brasileira de Educação. São Paulo, 31 de março de 1980.
- CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Tradução de Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.
- COSTA, Márcia Regina. **Os carecas do subúrbio: caminhos de um nomadismo moderno**. São Paulo: Editora Musa, 2000.
- DIDI –Huberman, Georges. **O que vemos, o que nos olha**. Tradução de Paulo Neves. 2. Edição. São Paulo: Editora 34, 2010
- DOWNING, John D.H. **Mídia radical: Rebelia nas Comunicações e Movimentos Sociais**. 2º ed. Trad. Silvana Vieira. São Paulo: Editora Senac, 2002.
- HALL, Stuart. **A questão da identidade cultural**. Tradução de Andréa Borghi Moreira Jacinto e Simone Miziara Frangella. 2 edição. Textos Didáticos. IFCH/ Unicamp, 1998,
- HOBBSAWN, Eric. Era dos Extremos: O breve século XX. 2ª ed. Tradução de Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. p.314.
- MAGALHÃES, Henrique. **O que é fanzine**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1993.
- MARTINS, Luis Renato. Colagem: investigações em torno de uma técnica moderna. **Revista ARS**. USP, São Paulo, 2007, vol.5, n.10, pp. 50-61. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ars/v5n10/06.pdf>. Acesso em 21/09/2013.
- NAPOLITANO, Marcos. **Cultura e Poder no Brasil Contemporâneo**. Curitiba: Editora Juruá, 1996.

Fontes

Fanzine **Horizonte Negro**, Rio de Janeiro, 1983.

Fanzine **Espunk**, Salvador, 1984.

Garotos Podres. Não devemos temer. Letra extraída do fanzine **Buracajú**, Aracajú – SE, 1986.

Fanzines “**Horizonte Negro**”, Rio de Janeiro, 1985.

Arquivos

Centro de Documentação e Informação Científica. CEDIC- PUC – São Paulo.

